

1966

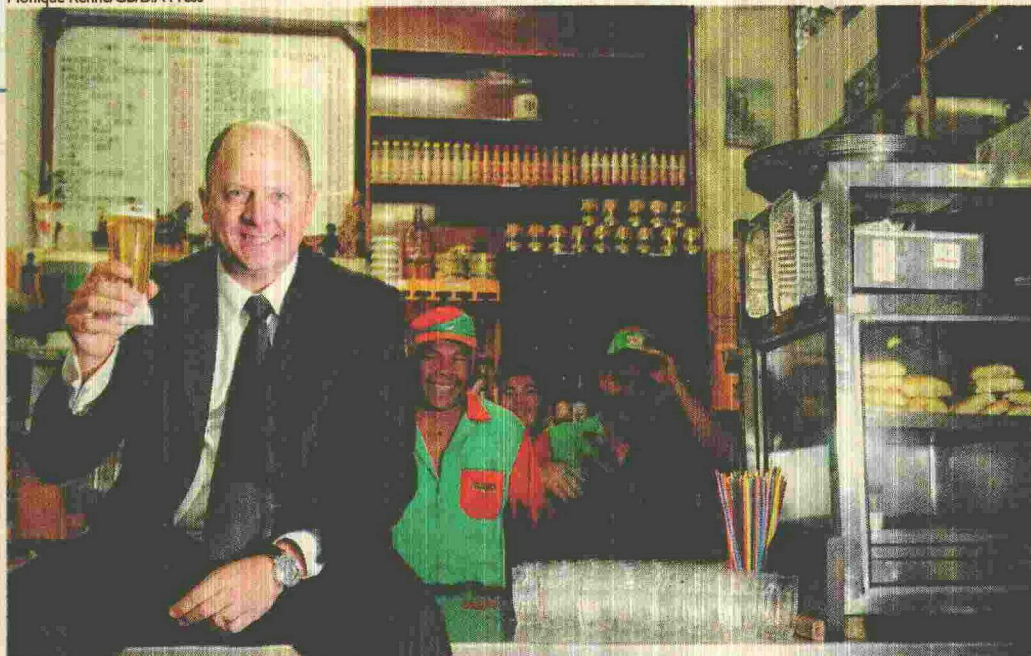
CASCÃO E O BEIRUTE, A TRINCHEIRA DO ROCK

(ELES QUERIAM
MUDAR O MUNDO)

Quem vê o advogado Paulo César Cascão circular pela cidade de terno e óculos escuros, rumo à defesa de mais um de seus clientes, não imagina que sua história traz as marcas típicas da juventude brasiliense dos anos 80, eternizada nas letras de rock produzidas na capital federal. Ele foi um daqueles jovens revolucionários, com muitas ideias na cabeça e muita vontade de melhorar o mundo. O figurino mudou, mas os ideais ainda são de melhorar o mundo.

A carreira musical do brasiliense começou em 1981. Sua banda de maior sucesso, a Detrito Federal, foi a primeira de Brasília a tocar na Rede Globo, em 1995. "Virei um herói regional e, na época, me mudei para o Rio de Janeiro. Depois deu uma caída no rock, e aí voltamos."

Na adolescência, Cascão descobriu o gosto pela música. Eram tempos de reação à ditadura militar a defesa ferrenha da contracultura. Foi nesse ambiente que, aos 15 anos de idade, ele conheceu o bar que marcaria sua trajetória e a história política e cultural de Brasília, o Beirute. Cascão encontrou sua turma. O bar mais tradicional de Brasília foi criado no mesmo ano em que Cascão nasceu, 1966, quando a cidade abrigava cerca de 360 mil habitantes. "Será que estava escrito?", brinca o brasiliense.



HOJE ELE É O DR. PAULO CÉSAR, MAS NOS ANOS 80 ERA O ROQUEIRO QUE ESTAVA TODAS AS NOITES NA 109 SUL

E MAIS...

Nesse ano, foram concluídas as obras estruturais da sede do Ministério das Relações Exteriores. Com o prédio pronto e a mudança do corpo diplomático para Brasília, a cidade se fortaleceria. Àquele tempo, era grande a torcida para a volta ao Rio. Sob a administração de Plínio Catanhede, Brasília tem a sua estrutura organizacional reformulada. As administrações regionais foram criadas, descentralizando a máquina burocrática. O sexto aniversário da cidade foi marcado pela entrega de importantes obras, como a duplicação da estrada Plano Piloto-Taguatinga, o Ginásio do Gama e o teatro Martins Pena. Juscelino Kubitschek se uniu a Carlos Lacerda, seu ex-grande adversário no projeto da construção de Brasília, lançaram o Partido Popular. JK se alinhou à Frente Ampla, tentativa da oposição de lutar pelas liberdades democráticas. A Guerra do Vietnã já custava 2 milhões de dólares aos norte-americanos.

A sintonia Cascão-Beirute era muito mais que astrológica. Era cultural, contemporânea, emocional. Paulo César dividiu os clássicos bancos de madeira do estabelecimento com companhias ilustres e igualmente críticas. Renato Russo, integrantes do Capital Inicial e de outros tantos grupos do conhecido rock brasiliense buscavam no Beirute um espaço para a troca de informações, experiências e, mais do que isso, a possibilidade de se expressar livremente. "O Beirute sempre foi o espaço mais democrático de Brasília. Foi uma trincheira revolucionária, por onde passaram inúmeras teses e decisões políticas."

Criado pelos árabes Youssef Sarkis Maaraouri e Youssef Sarkis Kaawai, o Beirute se tornou a esquina imaginária da nova capital. Em 1970, o restaurante foi comprado pelo ex-garçom cearense Bartô, junto com os irmãos Francisco e Aloísio. A casa mudava de dono, mas o espírito permanecia o mesmo: o local era o início de grandes histórias, ou o fim delas. "Ou nos encontrávamos aqui e depois íamos para algum lugar, ou saíamos de algum lugar e vínhamos pra cá. O Beirute é como se fosse o baixo Leblon do Rio, as figuras ali eram diferentes", destaca Cascão.

Em 1997, Paulo resolveu deixar a banda e com ela, o mundo artístico do rock. "Foi um namoro muito intenso durante 10 anos, mas chega num ponto em que a gente acorda e começa a perder o encanto e, naturalmente, vai indo para um caminho que não tinha imaginado", revela. A vida de

Paulo, assim como a da capital federal, consolidava-se. A efusão política já não era mais a mesma, e o sentimento revolucionário ganhava novos contornos. O herói urbano Cascão era, a partir daí, o Dr. Paulo César, advogado do ramo empresarial. "Hoje o direito é minha paixão e a nova maneira que encontrei para exercer a minha justiça social. O que eu fazia por meio do rock, hoje faço no meu trabalho, defendendo o direito das pessoas", conclui Paulo. (NO)